

## **Cristofascismo e oralidade: um passeio pelo imaginário da direita cristã<sup>1</sup>**

José Cardoso Ferrão Neto<sup>2</sup>

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – UFRRJ

### **Resumo**

Este trabalho objetiva entender de que maneira os regimes de oralidade, em consonância com as estruturas arquetípicas do imaginário, trabalham a favor da consolidação de pensamentos, comportamentos e visões de mundo de teor fascista que embrenham o *modus operandi* do cristianismo de direita. Parte-se da observação de performances visuais gravadas de sujeitos da comunicação católicos e evangélicos conservadores e outras referências textuais para localizar os índices e arquétipos orais que dão a ler a relação entre política e espiritualidade, nos contextos estadunidense e brasileiro do cristofascismo. A essa metodologia da História Cultural, juntam-se reflexões dos campos do jornalismo, da sociologia, da crítica literária, entre outras.

**Palavra-chave:** oralidade; cristofascismo; imaginário; direita cristã; comunicação.

### **Introdução**

No domingo de 3 de fevereiro de 2013, vai ao ar pelo SBT uma entrevista de Silas Malafaia à jornalista Marília Gabriela. Questionado sobre a não aceitação de homossexuais em sua igreja, o pastor responde com a impetuosidade que lhe é peculiar: “Eu estou aqui para condenar o pecado”, e, em seguida, confessa que, “com toda a certeza, [quer influenciar] na política e na sociedade”.

Dois anos depois da entrevista do pastor, irmãs da Assembleia de Deus em marcha, vestidas de farda confeccionada em tecido camuflado, ensaiam a coreografia do Congresso de Mulheres da igreja, em Belém do Pará. A encenação começa com o som de gritos de desespero que prenunciam o fim do mundo. “Esquerda, direita, (marchando), esquerda, direita, vença o inimigo”, diz a música. E as combatentes de Cristo dão início à cruzada para pregar ao mundo o Evangelho e vencer o “caos terrível” que toma conta da nação.

Uma década se passa e, agora, um religioso católico vira objeto de disputa ideológica. “A mulher está abaixo do homem para sustentar a missão do homem e

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Comunicação e Religiões, do 25º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Doutor em Comunicação, professor do Curso de Jornalismo da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. E-mail: ferrao@ufrrj.br.

sustentar a sua casa”, afirma Frei Gilson numa de suas concorridas pregações. Em outra ocasião, é a vez de enfatizar: “A mulher nasceu para auxiliar o homem”, frase que lhe rendeu duras críticas de veículos de mídia progressista e de influenciadores de esquerda, nas redes sociais, no início de março de 2025. A polêmica foi tanta, que um canal de mídia foi em busca de outras palavras incisivas do frei e resgatou um vídeo de 2022, em pleno calor das eleições, em que ele e outro colega rezavam diante de uma imagem da Virgem Aparecida sobre uma mesa forrada com a bandeira do Brasil. “Não permitais, Senhora e Rainha de Nazaré, que os erros da Rússia venham assolar o Brasil, como bem afirmou Nossa Senhora em Fátima”. Ao que o outro religioso dá coro: “Livrai-nos, mãe de Deus e nossa, do flagelo do comunismo”.

No intervalo de 12 anos, entre uma fala e outra, o Brasil viu sair do armário uma direita cristã comprometida com o literalismo bíblico, o militantismo conservador e a ocupação cada vez maior de espaços institucionais de poder. A ascensão de Jair Bolsonaro, de deputado a presidente, veio acompanhada de manifestações de todo tipo, que evidenciaram o quanto a sociedade brasileira ainda está atravessada pelos fantasmas do militarismo, do golpismo e do autoritarismo. Partidários do “capitão” ocuparam as ruas e as redes sociais para pedir desde a volta da ditadura até a intervenção dos Estados Unidos no Brasil e, como se isto tudo não bastasse, a intercessão de extraterrestres para tentar mudar o resultado de uma eleição livre e democrática. O fascismo, tendência global, se pintou também de verde e amarelo e esprou pelas instâncias públicas e privadas da sociedade.

### **Do fascismo eterno ao cristofascismo: uma espiritualidade performática**

É na paisagem cristã conservadora que o movimento mais clara e contundentemente se deixa ver. O processo de conquista do poder pela direita cristã no Brasil tem nas alas conservadoras das igrejas católica e evangélica o suco puro do bolsonarismo, em que ideias e valores de cunho fascista germinam, crescem e frutificam em pensamentos, atos, palavras e omissões. No entanto, dado que o movimento da direita cristã não é um fenômeno restrito ao Brasil, é possível dialogar com a realidade de outros territórios, especialmente o dos Estados Unidos, ponto de partida tradicional tanto de movimentos religiosos, como o pentecostalismo brasileiro, quanto de estratégias imperialistas de conquista nos campos da ideologia, da política, da economia e da sociedade.

É da teóloga alemã Dorothee Sölle o conceito de cristofascismo, elaborado no início dos anos 1970, para dar conta do remanescente da ideologia nazista no fundamentalismo cristão, com seu potencial de autoritarismo e violência, hoje escancarado nos projetos de Donald Trump e Jair Bolsonaro, que chegaram aos respectivos governos mediante a cooptação da massa acrítica da direita cristã. Escrevendo em 1990, vinte anos depois de ter cunhado o termo, Sölle atualiza a ideia de que “a coisa mais perigosa da religião cristofascista é precisamente que ela não é compulsória, nem imposta de maneira totalitária pela violência”, apesar de pregar uma violência do tipo apocalíptica como solução para a eliminação do mal. O cristofascismo seria, então, um “fascismo soft” derivado dos fascismos dos anos 1930, mas cujas “conexões precisam permanecer tão invisíveis quanto possível”. A própria “instrumentalização da religião pela política” e a crescente teologização do debate político, mais evidente a partir dos anos 1970 nos EUA e um pouco mais adiante no Brasil, é um processo “suave”, urdido aos poucos e lentamente transformado em movimento político com nomes, partidos e plataformas. O teólogo Fábio Py (2021) definiu o “cristofascismo brasileiro” como “a conexão das grandes corporações evangélicas e católicas com o governo cerceador de Bolsonaro”.

O escritor e jornalista estadunidense Chris Hedges (2008) é um dos intelectuais contemporâneos que mais tem chamado a atenção para o perigo de a direita cristã colapsar o estado democrático de direito. A chamada “Christian right” é um movimento que surge nas décadas de 1970 e 1980 nos EUA, que visa à retomada da nação cristã norte-americana de origem branca e puritana, à conquista do mundo pagão e ao estabelecimento de um império cristão global, edificado sobre virtudes tradicionais como família, patriotismo, caráter e moral elevados. O culto da masculinidade, a guerra contra o intelectualismo, a obsessão pela violência como forma de limpar o mundo do mal são algumas das qualidades de que o pesquisador lança mão para justificar ser a direita cristã da atualidade um movimento de índole fascista. Hedges parte do que Umberto Eco (1995) denomina de Ur-Fascism, ou fascismo eterno, para destrinchar suas características no contexto do crescimento da direita cristã estadunidense: o tradicionalismo, o irracionalismo, o medo da diferença, o culto ao heroísmo, a deslegitimação dos poderes legalmente constituídos, a simplificação da linguagem, dentre outros. Dialoga com o sociólogo Robert Bellah (apud EDWARDS & VALENZANO III, 2016), para quem uma

religião civil é “um conjunto de crenças, símbolos e rituais” que oferece uma “dimensão religiosa para todo o tecido da vida estadunidense”.

O que seria, então, essa “dimensão religiosa da vida”? No caso da direita cristã, Hedges a qualifica como uma espécie de “entendimento mágico” que guia as pessoas para fora do sistema baseado na realidade concreta da existência. Neste combo, incluem-se, de um lado, as teorias da conspiração, os inimigos fantasmas, as paranoias, o “complexo de Armagedom”, como bem definiu Umberto Eco (1995), a demonização do Outro e, ainda, a concepção de que Jesus intervém na vida dos crentes o tempo todo para os proteger e os livrar do mundo corrupto e das forças seculares do mal. A posituação do ódio e da violência como armas contra o secularismo, metaforizada em rituais como a marcha das mulheres da Assembleia de Deus de Belém do Pará, faz com que o espetáculo performático “dê sentido e propósito à vida e transforme a existência mundana numa batalha épica contra as forças das trevas” (HEDGES, 2008, p. 31).

A fê, tingida de política ao longo de décadas desde o surgimento marginal da direita cristã até a ocupação das instâncias maiores de poder, como as casas legisladoras, o judiciário e os governos estaduais e federais, daria origem ao “dominionismo” cristão (HEDGES, 2008, p. 10), a ideia de que os crentes devem ocupar espaços da vida política, econômica e social, a fim de implantar os valores que acreditam terem sido ditados por Deus, que os comissionou para limpar a sociedade dos males do relativismo cultural. Os hinários evangélicos são uma fonte inesgotável de exemplos da designação dos crentes como soldados e “guerreiros da seara santa” e de Cristo como “o excelso comandante que dirige os batalhões”. Estes apostos exprimem o caráter polarizado do imaginário (BOIA, 1998, p. 35), com o qual se ajusta a lógica fascista de direita que impregna as religiões cristãs, segundo a qual o mundo está dividido entre salvos e condenados, os de dentro e os de fora, os de Deus e os do diabo, ou seja, uma *luta eterna de contrários*. A esquerda, demonizada, é ao mesmo tempo origem dos males e explicação das mazelas e infortúnios da sociedade. É preciso vestir “a armadura do Espírito” para combatê-la e, se possível, aniquilá-la de vez. Para isso, vale tudo: tentar invalidar os resultados das eleições, dizer que a universidade é um antro de maconheiros, tentar impedir uma menina de 10 anos estuprada pelo tio de fazer aborto legal, invadir o Capitólio ou depredar a Esplanada dos Ministérios “em nome de Jesus”.

As imagens que nos vêm das redes sociais de crentes empunhando “a espada do Espírito, que é a Palavra de Deus” e marchando nos corredores centrais das igrejas, ou de

mulheres de cabelo e saias compridas e “varões” de terno rodopiando na frente do altar nos fazem pensar o quanto os espetáculos performáticos e a ênfase na ação pela ação têm marcado as demonstrações do cristianismo conservador de direita, em diferentes contextos. As construções imaginárias desta direita cristã estão fortemente atravessadas por modos de ser e de fazer calcados na ênfase sobre a fala, o gesto, a memória presa ao corpo, as manifestações do sensório e do emocional humanos, a gestão do tempo presente e o espaço da performance, a ação em detrimento do pensamento, a identificação com o grupo em prejuízo ao indivíduo, dentre outras qualidades. Os modelos mais emblemáticos do fascismo, que apareceram historicamente na primeira metade do século XX, já apontaram o quanto o uso amplificado da voz, a personificação do poder pelo ditador-intérprete e as performances públicas das massas, dentro e fora do cinema e do rádio, tinham conseguido construir uma unidade em torno das ideias autoritárias<sup>3</sup>. Entretanto, o que pareceu relativamente adormecido no Ocidente do pós-guerra e, mais adiante, no cenário da globalização e da flexibilização de fronteiras econômicas e sociais, agora ressurgue com força total e parece evidenciar um processo construído na média duração histórica, que ameaça o jogo democrático e as conquistas sociais da modernidade.

### **Oralidade e imaginário na construção do cristofascismo**

No meio de teorias da conspiração, profissões de fé e violências apocalípticas, das quais se nutre o cristofascismo, surgem arquétipos que funcionam como estruturas dialogais entre a realidade tangível, histórica, e o imaginário global. Da mesma maneira que Umberto Eco enumera as características do fascismo eterno, Lucian Boia (1998) aponta as estruturas arquetípicas que compõem o imaginário, a partir das quais é possível depreender elementos balizadores da influência da oralidade na constituição do tal “entendimento mágico” de que fala Hedges e que permeia o universo da direita cristã.

Em primeiro lugar, *a consciência de uma realidade transcendente* não apenas é o que rege a vida, as escolhas e atitudes dos crentes, como também lhes permite sacralizar os espaços que pisam seus pés e os líderes comissionados por Deus para levar adiante o plano que a divindade teria para com os viventes. Neste sentido, Donald Trump e Jair Bolsonaro seriam “autoridades escolhidas” pelo divino para implantar em seus países os valores sagrados da família, da ordem, da prosperidade, da heteronormatividade, da moral

---

<sup>3</sup> Sobre os conceitos de voz, intérprete e performance, v. ZUMTHOR, Paul. *A letra e a voz: a “literatura” medieval*. São Paulo: Cia. das Letras, 1993.

e dos costumes “bíblicos”, o que remete a um outro arquétipo: o da *atualização das origens*. No caso norte-americano, esta estrutura do imaginário se traduz no resgate da condição de “city upon a hill” (a cidadela sobre o monte), noção puritana seiscentista de que o país recém colonizado pelos imigrantes religiosos seria uma espécie de farol a brilhar sobre o mundo, o modelo de nação, o novo Israel. O evangelicalismo conservador brasileiro, pregado nas igrejas, sempre reconheceu essa “superioridade moral dos EUA” e a consequente “legitimação religiosa do capitalismo” a ele relacionado (SÖLLE, 1990, p. 137) e recorreu à sociedade estadunidense como espelho e exemplo de povo que progrediu graças às suas origens religiosas cristãs calvinistas. “Toda nossa prosperidade material e nossa influência estão alicerçadas na nossa fé em Deus e nos valores básicos que decorrem dessa fé”, afirmou certa vez o presidente Ronald Reagan (apud SÖLLE, op.cit, p. 137).

Há um “princípio unificador”, um sentido de *unidade* (BOIA, 1998, p. 33) que congrega os militantes da direita cristã fascista em “um sistema de crenças fundamentalistas [que se traduz por] um pavor imenso da ambiguidade, da desordem e do caos” (HEDGES, 2008, p. 80). Daí a necessidade de construir sentidos da experiência que compõem uma realidade paralela desprovida de relativismos e outras confusões. O fascismo religioso de direita trabalha com noções claras, com certezas e verdades, incorporadas em frases feitas e repetidas como mantras: “O salário do pecado é a morte” e “menino veste azul e menina veste rosa”, que funcionam como clichês anti-pensamento, ordenadores do mundo, apreendidos oralmente pela repetição contínua e submetidos à memorização que leva à conformidade e à obediência. Todo princípio questionador ou problematizador é, portanto, rechaçado, em favor de certo entorpecimento das faculdades de pensar e raciocinar. Aqui vale o princípio oral da identificação com a unidade do grupo. Do ponto de vista da história da comunicação, parece haver um retorno a uma disposição mental das sociedades orais primárias, em que a palavra aprendida e repetida tinha funções mágicas, a performance e a ação ditavam e mantinham o sentido da experiência, quando não havia sujeito pensante fora da comunidade e a vida era governada por forças sobrenaturais. “Abandonaram a confiança e a crença no mundo da ciência, da lei e da racionalidade”, explica Chris Hedges. “Substituíram o mundo que os traiu com um novo mundo glorioso cheio de profetas e sinais místicos” (id., p. 35).

Por isso, é importante a *fuga da condição humana e da história* para essa realidade paralela. Há uma troca de realidades, como explica Jessé Souza: os excluídos “são pessoas

que não conseguem se sentir pertencentes à realidade social, visto que essa os humilha e não os reconhece” (2024, p. 137). É aí que entra o *dominionismo*, prometendo certezas e “abraçando um mundo de milagres e sinais e tirando os seus seguidores da realidade racional” (HEDGES, 2008, p. 35). A “abolição da história real”, promovida pelo movimento, recorre ao imaginário da *evasão* para alimentar os crentes com verdades aparentes e soluções mágicas, que são criadas e aceitas sem grandes raciocínios. Transpondo o entendimento mágico para a esfera política, o arquétipo do *duplo*, do *além*, se transfigura no que os bolsonaristas acreditam ser uma cópia melhorada de país: uma teocracia militarista, onde a Constituição foi substituída pela Bíblia, não existe STF, nem aborto, nem Paulo Freire, nem gays e feministas que ameaçam a família, muito menos professores e universidades. É o que Boia chama de “geografia imaginária da *alteridade*”, outra estrutura arquetípica que habita o imaginário. O cristofascismo anseia por e se transpõe amiúde para esse território utópico, a “nação cristã” (SÖLLE, 1990, p.133; HEDGES, 2008, p.27), onde não há lugar para o diferente, o dissidente e o inconformado, onde a magia resolve todas as pendengas de qualquer ordem, terra da “liberdade”, do “empreendedorismo livre” e da “segurança”. Faz mais sentido crer, fazer crer e tentar apressar o arrebatamento dos crentes (a *história que virá*, outro arquétipo do imaginário), por exemplo, do que investir na mudança do espaço-tempo presente, concreto, e empreender um trabalho de transformação social, coisa de “comunista” e do “pessoal dos direitos humanos”.

Por isso, as fiéis da Assembleia de Deus em marcha militar proclamam em alta voz:

Esquerda, direita, esquerda, direita  
Vença o inimigo  
Esquerda, direita, esquerda, direita  
Faça evangelismo  
Esquerda, direita, esquerda, direita  
Pregue às nações  
Esquerda, direita, esquerda, direita  
Vamos fazer missões<sup>4</sup>

A performance da ação, centrada na voz, no gesto e na mnemotécnica da música requer adesão e conformidade ao grupo, e não reflexão e tomada de posição. “O uso de um espetáculo elaborado para canalizar e moldar as paixões dos seguidores em massa é uma marca essencial dos movimentos totalitários”, explica Chris Hedges (2008, p. 29).

<sup>4</sup> Disponível em; [https://www.youtube.com/watch?app=desktop&v=gCw\\_VkpZpns&t=16m15s](https://www.youtube.com/watch?app=desktop&v=gCw_VkpZpns&t=16m15s). Acesso em 12 jun. 2025.

Da mesma maneira, a pregação do Frei Gilson ou as palavras de ordem de Jair Bolsonaro são elaboradas em sintaxe clara, na ordem direta, porque requerem assimilação imediata. O tempo da produção, transmissão e recepção da performance oralizada não dá intervalo para a elaboração mental, o escrutínio e o consequente pensamento crítico. Por isso, a ligação estreita entre os projetos totalitários de Donald Trump e Jair Bolsonaro com a direita cristã. As igrejas cristãs – e aqui precisamos reconhecer que as evangélicas constituem o exemplo por excelência - há muito têm se firmado como o território privilegiado do que podemos chamar de “oralidade de conversão”: um evento da lógica do encontro, do contato, da interação. Na conversão, como também no chamado à ação, o que está em jogo é mais do âmbito da vivência rápida e imediata do que da experiência elaborada num tempo mais estendido e reflexivo. As práticas cristofascistas se inserem numa “cultura auditiva”, no sentido que lhe dá o crítico literário Luiz Costa Lima (1981, pp. 3-29), para quem a *auditividade* seria um uso persuasivo da oralidade, de “estatuto colonial”, do verbo fácil e comovente, para causar efeito, deslumbrar a audiência e então subjugar-la.

A mudança de status da direita cristã estadunidense, de movimento marginal nos anos 1970 a partícipe do segundo governo Trump, coincide historicamente, no Brasil, com o surgimento e o crescimento vertiginoso do neopentecostalismo, a formação da bancada da Bíblia no Congresso Nacional e a eleição de Jair Bolsonaro. Leonildo Silveira Campos (2012), em artigo sobre as origens norte-americanas do pentecostalismo brasileiro, aponta a herança prática, emotiva, anti-intelectualista, fundamentalista e de tradição oral do movimento, que remonta, lá longe, às “propostas avivalistas de John Wesley”. Ao conceituar o “pobre de direita”, Jessé Souza (2024) o localiza na combinação entre extrema direita e pregação evangélica, que o sociólogo chama de “instrumentos de usurpação e sacrifício do intelecto”, que tornam a magia o novo lugar da produção de sentido dos fenômenos cotidianos. É esta junção entre oralidade e imaginário na configuração de uma provável paisagem comunicacional de uma direita cristã brasileira, com fortes ligações na história religiosa estadunidense, que veio justamente tonificar o cristofascismo, em ambos os hemisférios do continente.

Tendo em vista o fato de o Brasil ser um país oralizado por excelência, que passou historicamente dos regimes de oralidade primária para a oralidade permanente da mídia elétrico-eletrônica e audiovisual, sem, contudo, ter experimentado um letramento de massa, não é de se espantar o grau de aderência da população, principalmente das

chamadas classes populares, majoritariamente oralizadas, aos discursos atravessados por esse regime de processamento da informação, em consonância com as estruturas arquetípicas do imaginário. Esta chave de leitura midiático-comunicacional é imprescindível para entender os lugares de produção discursiva da contemporaneidade, no Brasil e no mundo, crescentemente usurpados pela direita política, que tem sabido capturar os corpos e as mentes de grande parcela da religiosidade cristã.

### Considerações finais

A religião tem se constituído como campo de batalha privilegiado de ideologias transversais, que buscam perpetuar o status quo, ao mesmo tempo que mascaram os verdadeiros interesses por trás de suas movimentações estratégicas. O capital financeiro, como sujeito do poder, tem sabido eleger seus representantes políticos para insistentemente colonizar o Estado e ali efetuar as mudanças que lhe convêm, sem que precise necessariamente dar as caras. Recentemente, uma reportagem na mídia alternativa mostrou “como os EUA usaram a religião para combater o comunismo no Brasil”, escancarando a relação entre colonialismo capitalista contemporâneo e igrejas cristãs<sup>5</sup>. Quando décadas depois deste subterfúgio imperialista se vive a expansão do fascismo, que não mais esconde a que veio, é preciso indagar, na pesquisa em comunicação, de que maneira se chegou a essa involução do pensamento e tentar desvendar de quais meios e mediações os mecanismos de poder têm lançado mão, a fim de fincar sua bandeira e tomar posse dos territórios. O fascismo eterno sempre cutucou o imaginário coletivo, para dali extrair elementos capazes de promover a adesão das massas a seus projetos de comunidade, povo e nação. Se o cristianismo, seu aliado maior no campo religioso, soube responder a essa demanda e ainda legitimar essa ideologia com suas escrituras, dogmas e tradições, a oralidade presente nas materialidades, práticas e representações do sagrado, possivelmente seja a argamassa que tenha dado aderência à edificação.

---

<sup>5</sup> TAUTZ, Carlos. Fé capitalista: como os EUA usaram a religião para combater o comunismo no Brasil. **Intercept Brasil**. Rio de Janeiro, abr. 2025. Cf. Referências.

---

## Referências

BOIA, Lucian. **Pour une histoire de l'imaginaire**. Paris: Les Belles Lettres, 1998.

CAMPOS, Leonildo Silveira. As origens norte-americanas do pentecostalismo brasileiro: observações sobre uma relação ainda pouco avaliada. In: PEREIRA, João Baptista Borges. **Religiosidade no Brasil**. São Paulo: EdUSP, 2012.

ECO, Umberto. **Ur-Fascism**. New York: The New York Review of Books, 1995.

EDWARDS, Jason A.; VALENZANO III, Joseph M. **The rhetoric of American civil religion: symbols, sinners and saints**. Lanham: Lexington Books, 2016.

FERRÃO NETO, José Cardoso. **Mídia, oralidade e letramento no Brasil: vestígios de um mundo dado a ler**. 2010. Tese (Doutorado em Comunicação) – Instituto de Artes e Comunicação Social, Universidade Federal Fluminense, Niterói-RJ, 2010.

HEDGES, Chris. **American fascists: the Christian right and the war on America**. New York: Free Press, 2008.

KELBER, Werner H. **The oral and the written gospel: the hermeneutics of speaking and writing in the synoptic tradition, Mark, Paul, and Q**. Bloomington: Indiana University Press, 1997.

LIMA, Luiz Costa. **Dispersa demanda: ensaios sobre literatura e teoria**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1981.

ONG, Walter. **Oralidade e cultura escrita: a tecnologização da palavra**. Campinas: Papirus, 1998.

PY, Fábio. Bolsonaro e o cristofascismo brasileiro: relação cristianismo e política. Entrevista concedida a Ascom UENF. UENF, Campos dos Goytacazes, 2021. Disponível em: <https://uenf.br/portal/noticias/bolsonaro-e-o-cristofascismo-brasileiro-relacao-cristianismo-e-politica/>. Acesso em 15 jun. 2025.

SÖLLE, Dorothee. **The window of vulnerability: a political spirituality**. Minneapolis: Fortress Press, 1990.

SOUZA, Jessé. **O pobre de direita: a vingança dos bastardos**. 6.ed. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2024.

TAUTZ, Carlos. Fé capitalista: como os EUA usaram a religião para combater o comunismo no Brasil. **Intercept Brasil**. Rio de Janeiro, abr. 2025. Disponível em: <https://www.intercept.com.br/2025/04/07/como-os-eua-usaram-a-religiao-para-combater-o-comunismo-no-brasil/>. Acesso em 18 jun. 2025.

ZUMTHOR, Paul. **A letra e a voz: a “literatura medieval”**. São Paulo: Cia. das Letras, 1993.